

Nordeste: imagem real ou fabricada?

Flávio José Rocha da Silva

Pontifícia Universidade Católica, São Paulo

flaviojoserocha@gmail.com

Introdução¹

Como lidar com a imagem de uma região quando ela se torna estática para o resto do país e pode colocar os seus habitantes em desvantagens com relação aos demais das outras regiões? E se esta imagem é utilizada para justificar não somente preconceitos, mas também para proporcionar a perpetuação da desigualdade socioeconômica do seu povo? E se ela corrobora para que grupos econômicos e políticos dela se utilizem para, durante décadas seguidas, lucrarem com promessas de a elevar ao patamar das suas regiões vizinhas, para isso usufruindo do dinheiro público? E se tudo isso tivesse como avatar as palavras água, fome, pobreza e desenvolvimento como justificativa para a realização de obras bilionárias com a promessa de beneficiar os menos

¹Este artigo faz parte do Primeiro Capítulo da tese de doutoramento em Ciências Sociais deste autor intitulada *Grandes Obras no Nordeste: o Projeto de Transposição das águas do Rio São Francisco*. Alguns tópicos foram atualizados.

favorecidos economicamente quando eterniza os mesmos grupos sociais no poder? Não é isto que vem acontecendo com o Nordeste no último século?

O Sul tem a agricultura, o Sudeste tem a sua indústria, o Centro-Oeste tem o agronegócio e o Norte tem as suas riquezas naturais, mas o Nordeste... Seu problema é a falta de água? Construam-se açudes e barragens, dizem uns. É a fome? Distribuam alimentos, bradam outros. É a falta de desenvolvimento, afirmam as vozes de um sem-número de políticos, empresários, acadêmicos, líderes religiosos, etc., reverberando esta afirmação na população brasileira, e exigindo que se financiem grandes projetos. Foi desta maneira, com um espelho que reflete uma só imagem, que se tornou fácil justificar as grandes obras do último século para aquela região, assim como verbalizar afirmações, muitas vezes evasivas sobre os problemas e as soluções para salvar aquele povo “atrasado” e petrificar um retrato uniforme sobre o Nordeste e os nordestinos.

A imagem de “região problema” pede uma intervenção cirúrgica emergencial para salvar aquele pobre povo do desastre que sobre eles se abateu: a seca. Então, sendo o problema a falta de água (e qualquer brasileiro dirá, baseado na imagem recebida pelos meios midiáticos, que este é o problema maior do Nordeste), que comecem as obras para que se mude a sua imagem até “o sertão virar mar”, porque onde há água, não há miséria, nos disseram por décadas, mesmo que as áreas periféricas das cidades do Sul e do Sudeste brasileiro, ou ainda das capitais litorâneas do Nordeste, onde abundam rios perenes, desmintam esta falácia.

É na afirmação de que o Nordeste precisa de grandes obras para o seu desenvolvimento que está o cerne do problema. Quem define o que é desenvolvimento e como ele deve ser imposto a uma região?

Como se dá este processo? Que rodas o movem? Quais agentes são os seus promotores? Quais os mecanismos que possibilitaram o seu acontecimento de forma mais plena? É possível um diálogo entre todas as vertentes do que se convencionou chamar desenvolvimento? As grandes obras têm o poder de levá-lo a algumas regiões “atrasadas”? De certo afirmamos que é a imagem irradiada há séculos que justifica um sem número de ações governamentais para aquela parte do Brasil.

Nordeste: visões e concepções sobre uma “região”

Nenhuma outra região do Brasil é tão discutida, criticada e debatida quanto a região Nordeste (NE)². As opiniões sobre esta área do país são algumas vezes uníssonas, outras vezes plurais. Por vezes, cheias de preconceitos, pintadas com cores de praias paradisíacas ou terra rachada com cactos a povoar a sua paisagem. Em algumas ocasiões é referida como uma região de características sem variáveis contrastantes em sua geografia, diferente do Sudeste, por exemplo, que nunca tem os seus estados pensados com atributos geográficos e sociais como uniformes. É inegável que existe uma discussão, há pelo menos cem anos, sobre as mazelas que a afligem e as possíveis soluções para que atinja um destino que a iguale às outras regiões brasileiras, abandonando o título de “região problema” do país.

As versões discursivas sobre o NE vão depender do arauto que proclama as suas dificuldades ou do porta-voz dos recursos para solu-

²“O termo Nordeste foi utilizado inicialmente para designar a área de atuação da Inspeção Federal de Obras Contra as Secas — IFOCS.” (ALBUQUERQUE JR., 1999, p. 81). Até os anos 1930, era comum referir-se aquela região apenas como Norte.

cioná-las. É tema das campanhas eleitorais nacionais e merece destaque nos planos de governo dos candidatos à Presidência da República. Enfim, não é capítulo menor na história do Brasil contemporâneo.

O tema NE pode ser repetitivo e enfadonho, lembrando uma espiral que não tem um fim a ser vislumbrado. Sempre há a repetição do discurso sobre uma região que parece não ter encontrado o caminho para o “desenvolvimento”, envergonhando as suas regiões irmãs, que estão mais bem vestidas para o baile da globalização econômica.

A ressonância das verdades enviadas do Planalto Central ou dos bancos acadêmicos do Sul e do Sudeste, bem como das universidades localizadas nas capitais do litoral nordestino, chegam de forma cortante como uma lâmina afiada que encontra o lugar certo para a incisão. Elas não deixam margens para dúvidas de que ali há problemas sérios e que hão de ser resolvidos por mãos hábeis de cirurgiões que carregam os seus títulos políticos e técnicos. Eles “tudo sabem sobre o NE”, mesmo que a verdade seja que pouco conhecem sobre o paciente a sofrer a intervenção. E assim, o NE vive de sucessivas (pretensas) intervenções/soluções. De certo, podemos afirmar que quase todas as correntes que pensam o Brasil e suas desigualdades destacam o NE como a região que não encontrou o “desenvolvimento” e que precisa de ajuda. É esse discurso que vai alicerçar a eterna barganha de grupos políticos da elite nordestina e do empresariado do Sudeste e do Sul para garantir as grandes obras naquela área e alimentam afirmações superficiais sobre a região e os seus moradores.

Há os que amam a região NE e por isso nela não veem seus limites. São apegados às suas raízes de tal forma que não enxergam um tronco com os galhos espalhados em ramificações com o restante do mundo.³ Há aqueles que a odeiam e por isso mesmo nela não enxer-

³O poema *Brisa*, de autoria de Manoel Bandeira, bem traduz este sentimento:

gam potencial algum. Há ainda os poucos separatistas dos dois lados. Os do Sul e do Sudeste, por acreditarem que o “atraso do Brasil” se deve àquela parte do país. Os do NE,⁴ em oposição àqueles, acreditam que é o restante do país que impede o seu avanço socioeconômico por necessitar de mão de obra barata para abastecer as demais regiões e que são vistos sempre de forma pejorativa e preconceituosa (o tema volta com força a cada eleição presidencial nas redes sociais do mundo cibernético). Como há de se notar, é possível abordar o tema NE de uma forma prismática e ainda assim encontrar reverberação para cada uma das direções que se queira tomar. Mas, afinal, o que é o Nordeste? Existe o ser nordestino já que não existe o sudestino, por exemplo?

Não pretendemos definir com precisão esta região geográfica e sua complexidade nos seus mais diversos aspectos socioambientais, culturais, econômicos e populacionais, mesmo sabendo que o mundo sempre será dividido em regiões e estas divisões são sempre arbitrárias e resultantes de interesses socioeconômicos e geopolíticos. Tentar fazê-lo, isto é, demarcar uma região a fórceps, seria ecoar um erro já tão comum aos estudos sobre o NE ou a outras regiões no nosso planeta. Seria também alimentar o fato de que, como ressalta Maknamara (2013, p. 15), “Há uma rede de discursos que tem, historicamente, con-

“Vamos viver no Nordeste, Anarina/ Deixarei aqui meus amigos, meus livros, minhas riquezas, minha vergonha/ Deixarás aqui tua filha, tua avó, teu marido, teu amante/ Aqui faz muito calor. No Nordeste faz calor também/ Mas lá tem brisa:/ Vamos viver de brisa, Anarina”. (BANDEIRA, 2014).

⁴Em meados dos anos 1980, a cantora paraibana Elba Ramalho foi proibida de cantar a música *Nordeste Independente*, de autoria de Bráulio Tavares e Ivanildo Vilanova, com base na Lei de Segurança Nacional. A canção indagava: “Imagine o Brasil ser dividido e o Nordeste ficar independente?”. Para a defesa das teses por um Nordeste independente, confira *Nordeste independente* (RIBENBOIM, 2002), já para o movimento “O Sul é o Meu País”, que pede a separação dos estados do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná do resto do país, visite o site www.meusul.net.

tribuído para a incorporação de certas ideias sobre o Nordeste”.⁵ A nossa intenção é justamente o oposto: dar visibilidade à pluralidade daquela área e ressaltar como ela não foi e ainda não é levada em consideração nas políticas públicas “salvacionistas” dos governos para o NE.

É fato inegável que, nas últimas décadas, novos estudos tentam compreender com um viés multifacetado as entrelinhas do que se conhece por NE do Brasil, embora também seja fato que estes estudos ainda não tenham repercutido de forma enfática nas políticas governamentais para aquela região como se deseja e merece ser.

Uma terra para exploração

A exploração do potencial econômico do NE sempre esteve atrelada às atividades de extração e exportação de matérias-primas para serem comercializadas dentro ou fora do país. No século XVI, na região hoje conhecida como Nordeste, a extração e a exportação da madeira do pau-brasil⁶ se tornaram muito lucrativa para a coroa por-

⁵Alguns exemplos sobre a base para esta rede discursiva em que se apoia a fala para a ideia de uma região atrasada podem ser atestados em dois livros. O Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais publicou o livro *Perfil morfo-fisiológico do nordestino*, de autoria de Alvaro Ferraz e Andrade Lima Junior (1959). O estudo tinha um recorte racial. Na mesma década, o filólogo Mário Marroquim lançou o livro *A língua do Nordeste*, embora tenha pesquisado apenas a Região da Mata de Alagoas e Pernambuco (ALBUQUERQUE JR., 2013). A classificação do nordestino baseada em sua fisionomia já era uma preocupação da primeira Comissão Científica de Exploração no século XIX que visitou parte do NE. Em 1922, uma comissão composta por Cândido Rondon, Idelfonso Simões Lopes e Paulo de Moraes Barros, encarregada de investigar as denúncias sobre as obras realizadas no Nordeste pelo Presidente Epitácio Pessoa, enfatiza em seu relatório que um dos problemas do atraso da região era o sertanejo e que por isso mesmo, era urgente formar núcleos de colonização estrangeira naquela região (VILLA, 2001).

⁶A extração do pau-brasil, cuja madeira era utilizada para o tingimento de roupas e a fabricação de instrumentos musicais na Europa, era tão importante para a econo-

tuguesa, chegando quase a extinguir aquela árvore das matas brasileiras. Depois vieram os cultivos das monoculturas da cana-de-açúcar no litoral, a partir do século XVII, e do algodão na região Semiárida, no século XIX. Chamado de ouro branco, o algodão produziu a chamada elite algodoeira a partir da segunda metade do século XVIII e levou a cidade paraibana de Campina Grande a ser conhecida como “a Liverpool brasileira”, em alusão à cidade britânica que se tornara famosa durante a Revolução Industrial. A Guerra Civil estadunidense, no século XVIII, fez com que o mercado inglês procurasse regiões produtoras de algodão em outras partes do globo e o NE beneficiou-se daquele momento histórico. De acordo com Marcelo e Rodrigues (2012, p. 43),

A comercialização das safras de algodão atraiu empresas como a argentina Bunge y Born, que se instalou em 1935 e, depois que comprou a companhia pernambucana Cavalcanti & Cia, formou a Sanbra. Fabricante de óleos, adubos e sisal, a Sanbra e outras multinacionais, como a Anderson Clayton e Columbia Hope criaram centenas de empregos e mudaram a cara da cidade, levando Campina Grande a ser conhecida como a “Liverpool Brasileira” e a liderar a arrecadação estadual, com quase o dobro do montante arrecadado pela capital, João Pessoa.

A bovinocultura e a produção de carne de sol, ou carne seca, como também é conhecida, a mineração e as plantações do caroá, maniçoba,

mia portuguesa que era propriedade real e não do dono da terra na colônia brasileira. Sua extração foi tão predadora que chegou a quase extinção no Brasil. De fato, por décadas imaginou-se que ele estava extinto. Segundo Garcia (1984, p. 29), “Até 1927, quando um grupo de botânicos pernambucanos, não conseguindo classificar certo tipo de árvore encontrada nas matas do engenho São Bento, a 30 quilômetros do Recife, enviou amostras da madeira à Universidade de Berlim (que fora, no século XVII o maior centro botânico no mundo), solicitando sua identificação. A resposta foi surpreendente: aquela madeira de miolo vermelho era exatamente o pau-brasil. Estava redescoberta a árvore que deu o nome ao País”. Confira *A saga do Pau-Brasil* (PINTO, 2000).

café, cacau, fumo, arroz, tabaco, cebola e do sisal, cultivados entre os séculos XVI e XX em algumas áreas geográficas do NE, mesmo que tenham sido muito importantes como vetores econômicos nas microrregiões onde foram produzidas por um certo período, nunca alcançaram a mesma dimensão econômica da cana-de-açúcar e do algodão.

Se foi a monocultura da cana-de-açúcar a responsável pela concentração de terras, escravização dos africanos e indígenas e semiescravidão de número considerável da população nordestina por séculos, hoje aponta-se e investe-se em outras monoculturas, como a soja e a fruticultura. Uma repetição da narrativa histórica tão bem contada por vários autores.

Em seu livro *Nordeste*, que apesar do título centra-se apenas no estudo da zona canavieira daquela região do país, Freyre (1967, p. XII) afirmou, no prefácio da primeira edição, que é

Impossível afastar a monocultura de qualquer esforço de interpretação social e até psicológica que se empreenda do Nordeste agrário. A monocultura, a escravidão, o latifúndio – mas principalmente a monocultura – aqui é que abriam na vida, na paisagem e no caráter da gente as feridas mais fundas.

A proximidade, através do Oceano Atlântico, com a Europa consumidora das riquezas naturais vindas do Novo Mundo, e com a África, de onde foram raptadas milhões de pessoas para o trabalho escravo nas Américas, selaria o seu destino de despensa das metrópoles europeias.

Uma junção de vários fatores como a ascensão da elite cafeeira no Sul/Sudeste (OLIVEIRA, 1977), a perda de inserção do algodão no mercado internacional e a crise econômica internacional iniciada em 1929, foram o cenário propulsor para a derrocada da elite nordestina, que até então não havia sentido dificuldades econômicas relevantes.

Foi somente depois do declínio da cultura do algodão, resultante das concorrências internacionais e das pragas, que o NE começou a perder o seu poder político e econômico (melhor afirmar, no caso do Brasil, o poder político que resulta do poder econômico). Até então, Sul e Norte competiam de forma igualitária nos assuntos econômicos e políticos. A vitória do café sobre o açúcar e o algodão daria as cartas a partir de então e definiria a estratégia da elite nordestina, ainda com respaldo político, na utilização da seca como força discursiva motriz para a reivindicação de fundos para aquela região. Mais tarde este discurso também seria adotado pela elite empresarial do Sul/Sudeste para promover a industrialização e as grandes obras que levariam “desenvolvimento” para a “região problema do país” e “todos” sairiam ganhando.

A construção de uma imagem

Essa derrocada econômica vai ajudar a forjar uma imagem do NE que perdura até os dias atuais, basicamente em favor dos interesses dos latifundiários da região e de grupos econômicos e políticos nordestinos e de outras áreas do país com interesses financeiros naquela área. Na verdade, esta imagem começou a ser trabalhada ainda na década de setenta do século XIX pelos grandes proprietários de terras nordestinos que se viam desprestigiados pelo império em detrimento dos cafeicultores do Sul e dariam início ao discurso de uma região vítima de discriminação por parte dos detentores do poder no país. Mas é a partir dos anos vinte do século passado que emerge uma ideia fabricada e que, como afirma Albuquerque Jr. (1999), começou a “Invenção do Nordeste” como o conhecemos hoje. Segundo este mesmo autor (1999, p. 61),

A escolha de elementos como o cangaço, o messianismo, o coronelismo, para temas definidores do Nordeste, se faz em meio a uma multiplicidade de outros fatos que, no entanto, não são iluminados como matérias capazes de dar uma cara à região. A escolha, porém, não é aleatória. Ela é dirigida pelos interesses em jogo, tanto no interior da região que se forma, como na sua relação com outras regiões.

A criação imagética de uma área assolada pelas secas, com milhares de pessoas seguindo líderes messiânicos⁷ e sempre a necessitar da ajuda governamental para salvar o seu povo, ganhou corpo através do incentivo da própria elite local para barganhar verbas públicas e assim salvá-la de falência econômica.⁸ O discurso regionalista encontrou o caminho mágico para irrigar com dinheiro público, por meio de grandes projetos como as construções de açudes e barragens e a criação de organismos estatais como, por exemplo, o Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA) os cofres dos grandes proprietários. Foi e é tão vantajoso para alguns, que grupos políticos de estados do Sudeste aprenderam a lição e, até os dias atuais, o estado do Espírito Santo tem parte de seu território delimitado como área de atuação do Banco do Nordeste do Brasil (BNB) e recebe as mesmas vantagens com financiamentos e empréstimos da referida instituição financeira que os estados nordestinos. O grande problema é que a “salvação” e a promessa de “desenvolvimento” sempre foram canalizadas para esta elite econômica e

⁷O misticismo do povo nordestino sempre teve uma imagem forte na literatura, no cinema, nas artes plásticas e na televisão. É interessante notar, no entanto, que é no Sudeste que, nas últimas três décadas, vem surgindo os grandes líderes do catolicismo carismático, com padres cantores, e do neopentecostalíssimo, com pastores midiáticos.

⁸O discurso de vítimas do Sul começou a ser sistematizado pela elite açucareira e algodoeira nordestina com a realização do Congresso Agrícola, realizado em Recife em 1878 (durante a grande seca iniciada em 1877) em contraposição ao Congresso Agrícola, realizado no Rio de Janeiro em 1876, que excluiu os estados do Norte. (ALBUQUERQUE JR., 1999).

política do Nordeste e para os empresários do Sul/Sudeste e, por isso mesmo, nunca chegaram aos protagonistas da propaganda da necessidade: os mais pobres e vítimas da estrutura concentradora da água e da terra.

Este é um ciclo que funcionou por todo o século XX e que adentra o século XXI com novos roteiros, novos cenários e novos personagens, mas o final do enredo já é conhecido há décadas, pois quem possui o poder para escrevê-lo conhece as regras da narrativa manipuladora para conquistar os resultados desejados. Seus autores conseguiram impingir uma imagem de uma região uniforme, até mesmo socialmente, para conseguir vitórias em suas reivindicações. Tão forte é esta imagem de uniformidade sócio-política-econômica e ambiental, que até mesmo seus habitantes negam sua biodiversidade.

Até os anos sessenta do século passado havia um debate sobre a real extensão territorial do que seria a região Nordeste⁹ (ANDRADE, 1964). Não era consenso, por exemplo, que os estados do Maranhão, do Piauí e da Bahia devessem ser listados como estados nordestinos, o que viria a acontecer por interesses de alguns agentes políticos interessados nas verbas e nos projetos que beneficiariam a região mais “pobre” do Brasil. Era unânime, porém, que Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará eram parte do que viria a ser o Nordeste e até o início do século XX era conhecido apenas por Norte. Somente em 1970, durante a Ditadura Civil-Militar imposta ao país, o mapa regional ganhou o desenho que conhecemos hoje, o que demonstra que as fronteiras regionais são regidas, em muitos casos, por interesses econômicos e podem sofrer alargamento ou es-

⁹“Em 1941, porém, o Conselho Nacional de Geografia, por intermédio do geógrafo Fábio de Macedo Soares Guimarães fez uma classificação a fim de ser usada nos trabalhos administrativos e, por esta classificação, o Nordeste passou a estender-se do Maranhão até Alagoas”. (ANDRADE, 1964, p. 3-4).

tratamento, a depender da força destes interesses em dado momento político e histórico. Pode-se afirmar que o conceito de região baseado em características físicas e sociais similares, defendida pelos estudiosos desta temática, ganhou outros contornos para o desenho atual do NE baseado nas benesses das verbas federais advindas com a divisão territorial. Como afirmado por Albuquerque Jr. (1999, p. 37),

A região não é uma unidade que contém uma diversidade, mas é produto de uma operação de homogeneização, que se dá na luta com as forças que dominam outros espaços regionais, por isso ela é aberta, móvel e atravessada por diferentes relações de poder.

E foi exatamente isso que aconteceu na evolução da delimitação do território hoje chamado Nordeste.

A semente para a construção da imagem sobre o NE como a conhecemos atualmente começou a ser plantada no Centro Regionalista do Nordeste, fundado em 1924, que propôs a unidade regional como forma de fortalecimento junto ao governo central, no que pode ser traduzido como o ajuntamento das forças políticas para a barganha por verbas que escorriam para a região do café. A elite política do NE percebeu que o discurso uníssono centrado no regional surtiria mais efeito do que se ecoado pelos estados de forma separada. Dois anos depois, o Centro Regionalista organizou o Congresso Regionalista do Recife. Essa construção da imagem foi liderada pelo sociólogo Gilberto Freyre, que criaria uma “brasilidade nordestina”, segundo Zaidan Filho (2001).¹⁰ O autor de *Casa Grande e Senzala* (1992) teria fortalecido o processo de exportação deste conceito que, posterior-

¹⁰Ao discorrer sobre a produção de Freyre, Zaidan Filho (2001, p. 12) afirma que, “Obra de um verdadeiro intelectual orgânico da classe senhorial nordestina, destinada a garantir uma sobrevida, no plano de uma economia simbólico-cultural, para as oligarquias decadentes de nossa região, alijadas do poder pela Revolução de 30. A ninguém mais do que a Gilberto Freyre devem essas oligarquias uma verdadeira epopeia civilizatória, baseada na tese de miscigenação racial brasileira

mente, seria ampliada com a ajuda da ficção narrativa de escritores como José Américo de Almeida,¹¹ Raquel de Queiroz e José Lins do Rego,¹² entre outros, protagonistas do período da literatura brasileira chamada de Ciclo Regionalista.¹³

Essa representação literária do NE, muitas vezes ancorada na pobreza econômica real de parte de seu povo, seria reforçada com a música de Luiz Gonzaga, que encontrou enorme receptividade no Sudeste dos anos 1940 devido à grande massa de migrantes nordestinos que lá haviam fixado residência em busca de trabalho (MARCELO e RODRIGUES, 2012).

Alguns artistas do Sudeste também reforçaram uma imagem sobre o NE e os nordestinos. No campo do teatro político, a peça *Arena conta Zumbi*, dirigida por Augusto Boal, em 1965, e considerada um divisor de águas no teatro brasileiro, trouxe a temática da resistência à escravidão por parte de alguns afrodescendentes escravizados na então Capitania de Pernambuco com a criação do Quilombo dos Palmares. Boal (2000) contou em sua autobiografia que depois de uma viagem pelo interior do NE, com um grupo de teatro, retornou para

e do caráter mais ou menos idílico, cordial das relações entre negros e brancos no país”.

¹¹O paraibano José Américo de Almeida (1887-1980) inaugurou o Ciclo Regionalista na literatura brasileira com o seu livro *A Bagaceira*, em 1928. Foi Ministro da Viação e Obras Públicas e Ministro dos Transportes nos dois governos de Getúlio Vargas, e governador da Paraíba. Deu grande impulso à Era da Açudagem no NE e incentivou as Frentes de Emergência nos anos 1930. Confira o documentário *O Homem de Areia* (CARVALHO, 1981).

¹²Interessante observar que os escritores citados acima não eram parte das vítimas das estiagens que mais sofreram. José Américo de Almeida, Raquel de Queiroz e José Lins do Rego eram filhos de fazendeiros e senhores de engenhos em seus estados de origem.

¹³“A criação literária nordestina de 1930, sobretudo o romance, só se elucida em termos históricos-políticos se for analisada à luz do projeto ideológico que lhe é subjacente: o de criar e difundir o conceito de uma região – o Nordeste”. (ZAIDAN FILHO, 2001, p. 17).

São Paulo convencido de que havia finalmente encontrado o “povo brasileiro” para servir de inspiração para encenar as suas peças com mensagens político-revolucionárias. O teatro engajado do Sudeste que denunciava o latifúndio monocultor nordestino como causador de todas as mazelas sociais do país não enxergava este mesmo processo no interior de São Paulo, com os campos de plantação do café, embora tivessem a mesma gênese.

O cinema também daria a sua contribuição. O filme *O Cangaceiro*, dirigido por Lima Barreto, ganhou o prêmio de melhor filme no prestigiado Festival Internacional de Cannes, em 1953, e foi exibido em mais de oitenta países. Em 1963 foi a vez do filme *Vidas Secas*,¹⁴ dirigido por Nelson Pereira dos Santos, que fez sucesso internacional ao adaptar o famoso livro de Graciliano Ramos. Mais tarde foi o Cinema Novo, liderado por Glauber Rocha, que trouxe o NE para as grandes telas com o seu filme, de 1964, *Deus e o diabo na terra do sol*.¹⁵ Era o Nordeste da miséria, do fanatismo religioso,

¹⁴O *Cangaceiro* e *Vidas Secas* são dois filmes clássicos sobre o Nordeste feitos por não nordestinos. É o olhar estrangeiro a comandar a câmera. Por exemplo, ao chegar em Juazeiro-BA para iniciar as gravações do filme, Nelson foi impedido de começar a trabalhar na película por causa das fortes chuvas que causaram uma cheia no Rio São Francisco. Como estava decidido a mostrar o drama das estiagens, ele voltaria em outro momento para fazer o seu clássico do cinema nacional (MOTTA, 2011).

¹⁵A inspiração definitiva do sertanejo Glauber Rocha para fazer este filme veio depois da leitura do livro *Cangaceiros*, de autoria de José Lins do Rego (MOTTA, 2011). Para uma reflexão sobre o cinema com a temática nordestina nos anos 1960 e 1970, confira *O Nordeste no Cinema* (LEAL, 1982) e *Cangaço: o Nordeste no cinema brasileiro* (CAETANO, 2013). Uma mudança pode ser vista com alguns filmes produzidos nos estados de Pernambuco e Ceará. *Baile perfumado* (FERREIRA; CALDAS, 1997) mostra um Nordeste com água e verde. O filme *Boi Neon* (MASCARO, 2015) aborda a questão de gênero fugindo do estereótipo do nordestino machista com o protagonista sendo um vaqueiro heterossexual que sonha em trabalhar com moda feminina. A temática homossexual está presente em alguns filmes cearenses de Karim Aïnouz como *O Céu de Suely* (2006) e *Praia do Futuro* (2014). Já Kleber Mendonça tem explorado a temática da posse da propriedade urbana em

da violência, dos jagunços e dos cangaceiros que interessava ao mercado cinematográfico e aos jovens cineastas das capitais nordestinas e do Sudeste do Brasil. Foi a criação do *Nordestern*, uma alusão ao *Western* do cinema estadunidense que fez sucesso por muitos anos e ajudou a perpetuar a imagem de uma região tomada pela violência.

As novelas e as minisséries¹⁶ da Rede Globo de Televisão com temática “nordestina” também deram a sua parcela de contribuição para engrossar um imaginário estereotipado sobre a região e os seus habitantes e destacar o problema da seca e do coronelismo, como se em outras partes do país não houvesse a manipulação do poder para perpetuar-se no comando político.

Há ainda o teatro, a literatura e a música do *Movimento Armorial* liderado pelo escritor e teatrólogo Ariano Suassuna a passar uma visão estereotipada sobre o sertão e o sertanejo. Ao discorrer sobre a obra de Suassuna, Albuquerque Jr. (1999, p. 190) acusa aquele escritor e teatrólogo de limitar a região por ele retratada ao mostrar um só ângulo. Segundo ele, na literatura daquele autor paraibano, “O cenário de seu Nordeste é sempre o sertão das caatingas, ou das pequenas cidades empoeiradas, onde a única construção de destaque é a igreja e as únicas autoridades, o coronel, o padre, o delegado e o juiz”. Não há lugar para o homem urbano ou a mulher autônoma da região, por exemplo.

O movimento artístico denominado de Tropicalismo,¹⁷ por exem-

Recife nos filmes *O som ao redor* (2013) e *Aquarius* (2016).

¹⁶Se nos anos 1980 os temas das minisséries eram Lampião e Padre Cícero, em janeiro de 2014 a Rede Globo de Televisão exibiu a minissérie *Amores Roubados* e em 2016 a novela *Velho Chico*. O cenário dos últimos era a modernidade e a riqueza trazidas pela irrigação dos plantios de uva e da produção de vinho na região do Rio São Francisco, mas ainda sob o comando de coronéis modernos.

¹⁷Sobre o Tropicalismo e a viagem de Gilberto Gil, confira *Verdade Tropical* (VELOSO, 1997, p. 130-131).

plo, foi concebido depois que o cantor e compositor Gilberto Gil passou uma temporada no estado de Pernambuco e teria retornado ao Sudeste impressionado com a pobreza econômica e a força criadora nas expressões artísticas e políticas daquele estado (que estava em ebulição com as Ligas Camponesas) convivendo lado a lado. É bem verdade que o Movimento Tropicalista foi o primeiro movimento cultural a trazer à tona a diversidade das culturas do Nordeste e questionar estereótipos reverberados no restante do país de como os artistas nordestinos deveriam se expressar.

Existe ainda o olhar estrangeiro¹⁸ a determinar o que é o NE e o que são os nordestinos, quais são os seus problemas e quais as soluções aplicáveis para resolvê-los. São conceitos tão robustos nas suas verdades que são até mesmo internalizados por quem deveria questioná-los, no caso, os próprios nordestinos. Foi o europeu missionário quem transmitiu a primeira impressão escrita sobre aquele espaço geográfico e a exportou para o mundo. Claro que seu espelho refletiu a imagem baseada nas suas crenças e por isso mesmo limitada. Outros, como o português filho de britânicos Henry Koster,¹⁹ ecoou enunciados sobre aquela região como verdades sólidas de quem tudo observou e por isso pode tirar suas conclusões indubitáveis. Em alguns momentos ele encanta-se e em outros retrata o povo como atrasado ou desonesto. São verdades petrificadas e dificilmente diluídas por um discurso capaz de confrontá-las. São testemunhos que pintam um quadro com cores difíceis de serem apagadas.

¹⁸Sobre o olhar estrangeiro, confira *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia* (ALBUQUERQUE JR., 2007), *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente* (SAID, 2003) e *1492: o encobrimento do outro (A origem do “mito da modernidade”)*, (DUSSEL, 1998).

¹⁹“Henry Koster veio para Pernambuco em dezembro de 1809. Foi plantador de cana, viajou pelo litoral e interior até o Maranhão. Escreveu o livro ‘Travels in Brazil’ ” (DUQUE, 1982, p. 52).

Esse mesmo olhar estrangeiro também vem de outras regiões do país. O livro *Os Sertões* (1992), do engenheiro e jornalista paulista Euclides da Cunha, por exemplo, foi um marco na visão sobre o Semiárido nordestino enviada para o Brasil e para o mundo. Depois de reportar a Guerra de Canudos para jornal *O Estado de São Paulo* por pouco mais de cinquenta dias, Cunha voltou para São Paulo e poucos anos depois escreveu o que se tornaria um clássico, mas cunharia uma visão sobre aquela região que permanece até os dias atuais.²⁰

O NE brasileiro entrou para o debate político do país como um problema a ser resolvido na segunda metade do século XIX, especialmente depois da grande seca de 1877, e as discussões sobre o destino da “região problema” foram aprofundadas nas primeiras décadas do século passado. Até então, o NE exportador de pau-brasil nos séculos XVI e XVII, do açúcar, a partir do século XVII, e de algodão, a partir do século XIX, enviava comando político para a capital do país. Foi a região brasileira mais rica até a descoberta do ouro em Minas Gerais, quando o centro político, social e econômico se deslocou para o Sudeste, situação que se ampliou com a chegada da Família Real portuguesa no Rio de Janeiro, no século XIX, e as plantações de café no estado de São Paulo. Mesmo assim, a elite açucareira, a partir do seu epicentro em Pernambuco, continuou e continua exercendo grande influência sobre as hostes do poder brasileiro.

Tanto as correntes políticas da Direita quanto da Esquerda brasileiras, por diferentes caminhos, solidificaram uma imagem para o NE por interesses diversos. A primeira, contaria até com o apoio finan-

²⁰Sem dúvida, *Os sertões* é uma leitura obrigatória. No entanto, o livro tem um cunho racista. Euclides da Cunha era contra a mistura de raças e solidificou uma imagem do sertanejo com a sua famosa frase “O sertanejo é antes de tudo um forte”. A frase seguinte a esta nunca é mencionada: “Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral”. (CUNHA, 1992, p. 95).

ceiro dos Estados Unidos através da USAID²¹ para bloquear a “ameaça comunista”, já que havia a preocupação por parte do Presidente Kennedy de que o Nordeste pudesse tornar-se um novo Vietnã, com o avanço das forças das Ligas Camponesas. A segunda via na organização dos trabalhadores rurais das Ligas, um caminho para a revolução socialista. Fazia parte de uma ideia alimentada pelas reportagens do jornalista Antônio Callado para o jornal *Correio da Manhã*. Para Albuquerque Jr. (1999, p. 327), “O Nordeste, no discurso dos intelectuais de esquerda, termina por estar preso à mesma trama imagética e nunciativa da visão conservadora...” Assim era já nos anos 1930, quando o Partido Comunista Brasileiro via nos grupos de cangaceiros uma possibilidade para um projeto de guerrilhas na região.²² Ambos os campos ideológicos determinavam o que deveria ser feito, ambos objetivavam o comando, ambos definiam o que “aquele povo pobre” deveria fazer para alcançar a felicidade, ambos reforçaram uma imagem limitada do NE para justificar suas ações e promover o “desenvolvimento” daquela região.

Vejamos o caso da imagem criada no resto do país com relação ao poder das oligarquias nordestinas. Aqui não iremos negar a sua existência, mas sim chamar a atenção para o fato que este fenômeno não é tipicamente um acontecimento político do NE, como se quer transmitir pela mídia nacional e se esboçou em muitos estudos acadêmicos. O que seriam então a Família Amim em Santa Catarina, a Família Dias no Paraná, as Famílias Tatto e Covas em São Paulo, as Famílias Ga-

²¹A United States Agency for International Development – USAID – foi criada em 1961 pelo Presidente John Kennedy para “oferecer ajuda aos países em desenvolvimento”. No Brasil, começou a atuar no programa Aliança para o Progresso e Alimentos para a Paz, no início dos anos 1960. Os EUA também enviaram muitos voluntários do programa Peace Corps para o Nordeste nos anos 1960 e 1970.

²²Confira *Os cangaceiros: ensaio de interpretação histórica* (PERICÁS, 2010, p. 151-164).

rotinho e Franco/Maia no Rio de Janeiro, a Família Neves em Minas Gerais e a Família Iris Resende em Goiás? É inegável que as oligarquias nordestinas são um fato político real e que muito mal fizeram e fazem para o povo daquela região, mas elas existem em um círculo de poder que é alimentado e retroalimentado no sistema político do restante do país e não isoladamente, como muitos acreditam. A existência dessas oligarquias é, em muitos casos, uma “necessidade” para a hegemonia de grupos políticos no plano nacional.

Embora seja retratada, na maioria das vezes, como uma região com características de homogenia cultural e geográfica, o NE poderia muito bem ser chamado de Nordeste, já que possui biomas diversos, a exemplo da mata atlântica, da caatinga e do cerrado. Além disso, há vários ecossistemas, já descritos pelo geógrafo Manoel Correia de Andrade em seu livro *A terra e o homem do Nordeste* (1964), ainda no início dos anos 1960 (tese depois corroborada por outros pesquisadores nos anos seguintes). Andrade (1964, p. 3) começa o seu livro afirmando que “É o Nordeste uma das regiões geográficas mais discutidas e menos conhecidas do país”. Seria esta uma afirmação possível de se negar nos dias atuais? No campo científico, basta lembrar que, embora estudos sobre os aspectos geográficos da região tenham principiado ainda no início do século XX, com o Instituto de Obras Contra as Secas (IOCS), somente décadas mais tarde sugeriram o Escritório Técnico de Estudos do Nordeste (ETENE) do Banco do Nordeste do Brasil. O Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Semi-Árido (CPATSA) conhecido como Embrapa Semiárido, foi criado apenas em 1975. Já o Instituto Nacional do Semiárido (INSA) somente foi instituído em 2003. No campo cultural, a diversidade dos grupos humanos que vivem naquela parte do Brasil ainda é muito ignorada pela população do nosso país. Quantos sabem sobre a presença dos judeus,

ciganos e comunidades quilombolas no NE?²³ São estas comunidades levadas em conta nos projetos de desenvolvimento impostos naquela região?

Um exemplo do desconhecimento sobre a realidade do NE pode ser comprovado com o que se sabe sobre os povos indígenas daquela região²⁴ em comparação com os de outras áreas do país. Apenas nas últimas décadas é que começaram estudos mais aprofundados sobre os povos originários que viviam e vivem naquela área do Brasil. Eles eram invisíveis ou foco de uns poucos estudiosos e pesquisadores. O olhar estrangeiro, novamente, exerceu grande papel na definição do que eram e como viviam aqueles povos, olhar que somente recentemente começou a mudar de direção.

Para Albuquerque Jr. (1999, p. 40),

O Nordeste é pesquisado, ensinado, administrado e pronunciado de certos modos a não romper com o feixe imagético e discursivo que o sustenta, realimentando o poder das forças que o introduziu na cultura brasileira, na “consciência nacional” e na própria estrutura intelectual do país.

Aqui não se quer negar que existam problemas sérios a serem sanados naquela parte do país, mas sim refletir como estes foram proje-

²³Sobre a presença dos judeus no Nordeste, confira o documentário *A estrela oculta do sertão: os descendentes de judeus no Nordeste* (EIGER e VALENTE, 2005). Com relação às Comunidades Remanescentes Quilombolas, a Fundação Quilombo dos Palmares computa como existentes 1483 destas no Nordeste, sendo este o maior número entre as regiões do país (informação atualizada em 20 ago. 2014). Confira em www.palmares.gov.br. Já com relação aos acampamentos ciganos, segundo o IBGE, em 2009, o Nordeste era a região brasileira com o maior número deles, com 97 acampamentos. Confira em www.ibge.gov.br.

²⁴Para uma leitura aprofundada sobre os indígenas no Nordeste, confira *A presença indígena no Nordeste* (OLIVEIRA, 2010). Para uma visão cinematográfica sobre os indígenas do Semiárido, ver *Árido Movie* (FERREIRA, 2006). Confira também o sítio eletrônico apoinme.org.br da Articulação e Organização dos Povos Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo – APOINME. Esta rede representa 59 povos indígenas (nem todos reconhecidos pelo governo).

tados e manipulados de uma maneira a propiciar a venda de soluções técnicas, como as grandes obras, sempre com orçamentos milionários. E, muitas vezes (ou seria na maioria das vezes?), as questões técnicas estão submetidas aos interesses políticos e econômicos dos grupos empresariais financiadores das campanhas dos mandatários que decidirão pelas medidas técnicas. É uma rede que conecta vários e múltiplos interesses. É com base nesta imagem, que até parece imutável desde o início do século passado, que o NE continua sendo campo fértil para a implantação de projetos que resultarão sempre no aproveitamento político e econômico de um pequeno grupo em nome da “salvação” de seus habitantes.

Conclusão

Apesar dos esforços empreendidos por alguns pensadores e pesquisadores na busca por descrever a pluralidade e as riquezas naturais daquela área nas últimas décadas, ela ainda não conseguiu atingir o imaginário brasileiro, já que por anos foi uma região retratada como geograficamente não diversa, hidricamente pobre, economicamente dominada por oligarquias e socialmente atrasada, e, por tudo isso, a necessitar da ajuda do governo. A união de uma elite ávida por dinheiro governamental com empresas sempre prontas a trabalhar para “desenvolver” o NE, desde que com gordas subvenções nacionais, sempre foi alicerçada por esta premissa.

Imagens refletidas nos espelhos da música, da literatura, do cinema e parte da academia colaboraram para a ideia do Nordeste “não desenvolvido” e que precisa de intervenção urgente. Se foi criada, irradiada e enraizada uma visão com relação ao Nordeste, inclusive por parte de seus próprios habitantes, a nossa intenção é justamente

o oposto: dar visibilidade a pluralidade social e geográfica daquela área. Não que sejamos pioneiros nesta intenção. Outros já o intentam há anos. Mas é sempre preciso mudar a posição do espelho para reforçar os novos reflexos imagéticos do que se deseja irradiar. Pode até soar repetido, mas uma imagem repetida mil vezes... Não tem sido assim com os que afirmam que o Nordeste é o centro da pobreza no Brasil?

A fome, a sede e a seca foram e ainda são as palavras curingas para caracterizar o Nordeste, obviamente com a intenção de justificar grandes obras e a manutenção de uma ordem social injusta que eterniza a posse da terra e da água.

Uma região condenada a servir de cenário para grandes obras parece ser o destino do Nordeste neste último século. Todas iriam salvá-lo. Todas iriam desenvolvê-lo. Todas levaram benefícios para uns poucos. Todas foram alicerçadas em uma imagem propagada para alimentar o lucro de uns poucos. É hora de olharmos as novas imagens que o espelho está refletindo.

Referências

Bibliografia

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia*. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. *Nordestino: a invenção do “falo” – uma história do gênero masculino (1920-1940)*. São Paulo: Intermeios, 2013.

ANDRADE, Manoel Correia de. *A terra e o homem no Nordeste*. São Paulo: Brasiliense, 1964.

_____. *Nordeste Espaço e Tempo*. Petrópolis: Vozes, 1970.

BANDEIRA, Manoel. *Belo, Belo*. São Paulo: Global Editora, 2013.

BOAL, Augusto. *Hamlet e o filho do padeiro: memórias imaginadas*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

CAETANO, Maria do Rosário. *Cangaço: o Nordeste no cinema brasileiro*. Rio de Janeiro. Avathar. 2013.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões: campanha de Canudos*. São Paulo: Nova Cultural, 1992.

DUQUE, José Guimarães. *O Nordeste e as lavouras xerófilas*. Mossoró: Esam, 1980.

_____. *Perspectivas nordestinas: obras póstumas*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1982.

DUSSEL, Enrique. 1492: *O encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1998.

DREYFUS, Dominique. *A vida do viajante: a saga de Luiz Gonzaga*. São Paulo: Editora 34, 1996.

FERRAZ, Alvaro; LIMA JR., Andrade. *Perfil morfo-fisiológico do nordestino*. Recife: FUNDAJ, 1967.

FREYRE, Gilberto. *Nordeste*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

GARCIA, Carlos. *O que é Nordeste brasileiro?* São Paulo: Brasiliense, 1984.

KOSTER, Henry. O sertão visto por Koster. *Revista Conviver Nordeste semi-árido*. v. I, n. 4 outdez. Fortaleza: DNOCS, 2004.

LEAL, Wills. *O Nordeste no cinema*. João Pessoa: Editora Universitário/FUNAPE/ UFPB, 1982.

MAKNARA, Marlécio. Educação ambiental e nordestinidade: desafios à práxis ecologistas. *Revista Brasileira de Educação Ambiental*. Rio Grande. v. 7, n. 2, 2013, p. 11-17.

MARCELO, Carlos; RODRIGUES, Rosualdo. *O fole roncou! Uma história do forró*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

MOTTA, Nelson. *A primavera do dragão: a juventude de Glauber Rocha*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

OLIVEIRA, Francisco. *Elegia para uma Re(li)gião: SUDENE, Nordeste, planejamento e conflito de classes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

OLIVEIRA, João Pacheco de. Trama histórica e mobilizações indígenas atuais: uma antropologia dos registros numéricos no Nordeste. in OLIVEIRA, João Pacheco (Org.). *A presença indígena no Nordeste: processos de territorialização, modos de reconhecimento e regimes de memórias*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2010, p. 653-687.

PERICÁS, Luiz Bernardo. *Os cangaceiros: ensaio de interpretação histórica*. São Paulo: Boitempo, 2010.

PINTO, Welington Almeida. *A saga do Pau-Brasil: história, monopólio & devastação*. Belo Horizonte: Edições Brasileiras, 2000.

QUEIROZ, Raquel de. *O Quinze (Três Romances)*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1948.

RIBENBOIM, Jackes. *Nordeste Independente*. Recife: Bagaço, 2002.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2003.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. *O regionalismo nordestino: existência e consciência da desigualdade regional*. São Paulo: Moderna, 1984.

VILLA, Marco Antônio. *Vida e morte no sertão: histórias das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX*. São Paulo: Editora Ática, 2001.

ZAIDAN FILHO, Michel. *O fim do Nordeste e outros mitos*. São Paulo: Cortez, 2001.

Filmografia

AINOUZ, Karim. O céu de Suely, 2006.

_____. Praia do Futuro, 2014.

BARRETO, Lima. O Cangaceiro, 1954.

CARVALHO, Wladimir. O Homem de Areia, 1981.

EIGER, Elaine; VALENTE, Luiza. A Estrela oculta do sertão: os descendentes de judeus no Nordeste, 2005.

FERREIRA: Lírio; CALDAS, Paulo. Baile Perfumado, 1997.

FERREIRA, Lírio. Árido Movie, 2006.

MARCARO, Gabriel. Boi Neon, 2015.

MENDONÇA, Kleber. O som ao redor, 2013.

_____. Aquarius, 2016.

ROCHA, Glauber. Deus e o diabo na terra do Sol, 1964.

SANTOS, Nelson Pereira dos. Vidas Secas, 1963.

Resumo:

Este artigo se junta a outros tantos que começam a ajudar o Nordeste a perceber que sobre ele existem múltiplas imagens, isto é, entender que há uma tradução local e um olhar estrangeiro sobre aquela parte do país. Busca também ressaltar que existem intenções políticas, ideológicas e mercadológicas nestas imagens, pois elas não existem no vácuo, já que este nunca haverá quando há grupos humanos com suas intenções explícitas ou não na criação de imagens sobre uma região.

Palavras-chave: Nordeste do Brasil; diversidade; imagem nordestina.

Abstract:

This article is an addition to many others to help the Northeast to realize that there are multiple images about it. It intends to help the understanding that there are a local and a foreign images about that region. It also wants to emphasize that there are political, ideological and marketing intentions on those images, as always have in any image when human groups create specific images about a specific region.

Keywords: Nordeste do Brasil; diversidade; imagem nordestina.

Recebido para publicação em 17/04/2017.

Aceito em 04/05/2017.